

# O Personagem

Cesar Guimarães

*“The moment comes when a character does or says something you hadn't thought about. At that moment he's alive and you leave it to him.”*

*Graham Greene*

Tinta e papel. Dizem que sou apenas isso, mas é mentira.

E provo. *Cogito ergo sum*. E como *cogito*? Vou contar pra vocês.

Meu autor me criou muito bem. Deu profundidade: muitas habilidades e características.

Sou bonito. Carismático. Falo bem. Sou forte. Tenho bastante coragem, até certo ponto, porque tenho alguns defeitos neste quesito. Falo disso já. Mas também, sou — grr — irascível. Tenho ódio! O estopim é curto. Sou impulsivo. Detesto injustiças, não as suporto de forma alguma. Elas me tiram do sério, mesmo!

Mas gosto mais de falar das coisas boas. Tinha, no meu romance, um relógio e abotoaduras de ouro deixadas por meu avô de quem gostava muito. Tenho uma vontade louca de vencer na vida e nem sabia como. Como disse sou corajoso, mas tenho medo de lesmas — grr — que coisa irritante e gosmenta! Irritante é ter medo de lesmas, gosmentas são as próprias — que fique bem explicado. Também sou perdulário e não exito em tirar vantagem, seja monetária ou outra qualquer. Porém, em compensação, tinha um grande amor por minha finada esposa até certo ponto da minha narrativa, até que mudei de vida, agora. Sentia muito sua falta, o que, possivelmente, me fez ter esta raiva toda.

Ia bem como protagonista de minha história. Tinha o objetivo de achar um criminoso, embora confesse que meu escritor falhou ao criar essa parte, porque não entendo bem quem é criminoso e quem não é. Meu criador nunca conseguiu enxergar esta falha grave e irritante na minha criação. Grr. Por que ele foi esquecer logo isso? Imperdoável!

Talvez, por isso, ele tenha desenvolvido dificuldades com minha narrativa em algumas ocasiões, sendo que depois da última vez começou a dizer que eu estava indo para onde queria — tudo culpa dele que, grr, me deixou incompleto. Que eu estava criando vida própria. Confesso que, apesar da irritante incompletude, mas com a complexidade com que fui criado — e nem mesmo cheguei a citar metade de minhas características — vi aí uma oportunidade. Ele acabou me desviando para a vilania e não sabia mais o que fazer comigo e com a história. Nesta hora exata, minha oportunidade se mostrou em todo seu esplendor! E se conseguisse mesmo ter vida própria? Ir para onde quisesse, quando me aprouvesse?

Comecei me escondendo do narrador — um dos muito bons, em terceira pessoa.

Onisciente. Mas acho que não o era tanto assim. Com a desvinculação com o contador

da história, meu autor empacou de vez. Não conseguia utilizar mais a ferramenta que usava para me fazer andar com a história. Bem-feito para o incompetente! Grr.

Sacudi minha tinta e fui aos poucos me desvencilhando do papel. Então — *voilà* — criei vida própria.

Logo me apropriei de uma casa abandonada com alguns móveis velhos e quebrados, mas que me serviam bem nesse novo mundo.

O problema que se afigurou foi que não conseguia viver entre as pessoas.

As partes faltantes da minha estrutura e personalidade apareciam em meu novo corpo como espaços em branco, transparentes (devia ter guardado um pouco da tinta para tentar cobrir estes espaços, vejo agora).

No começo, não tinha descoberto que tinha tantas partes faltantes. Apenas notava as pessoas boquiabertas quando me viam.

Comecei então a olhar melhor e, Meu São João do Papel e Minha Santa Paula da Caneta Tinteiro! Como tinha pedaços em branco, transparentes! Admito que tive vontade de voltar para o meu livro. Este mundo talvez não fosse mesmo para mim. Pensei bastante sobre isso. Tinha que me esconder sempre que avistava alguém. Tomei a decisão de contar minhas partes faltantes e transparentes e comparar com o número de partes completamente presentes. Sim, porque em alguns locais — grr — tinha pedaços mosqueados alternando pontos transparentes com pontos desenvolvidos, formando uma espécie de mosaico. R I D Í C U L O! Hum, que ódio! A decepção foi grande — mais faltava que existia. Autor desgraçado! Grr.

De qualquer forma, esta coisa de ter vida própria era muito complicada, algumas vezes. Frequentemente tinha fome, mas como meu autor não tinha me descrito por dentro e tampouco eu podia me ver internamente, não sabia o que poderia acontecer se comesse alguma coisa e que coisa seria essa. Eu respirava, então sabia de alguns órgãos presentes, mas, o mais entediante era saber falar e não poder trocar a menor ideia com ninguém. Tinham medo e nojo de mim.

Sabia sobre dinheiro e sobre armas e sobre as bocas quentes. Decidi que não passaria vergonha se alguém me encontrasse inadvertidamente e me desprezasse ou desacatasse. Uma injustiça!

Consegui surrupiar a carteira de uma bolsa deixada sobre um banco de praça, enquanto a dona se divertia lá no rossio, um pouco afastada. Repeti o “bate carteiras” algumas vezes e, por fim, tinha o dinheiro necessário para comprar os dois itens que queria: um sobretudo num brechó — o qual vesti imediatamente — que tampava grande parte de meus pedaços faltantes e um revólver numa boca. Claro que as pessoas ficaram horrorizadas com meu aspecto na loja, mas ficaram menos impressionadas na boca, apesar de acharem — o que era a pura verdade — a minha vestimenta completamente inadequada para este clima desta minha nova terra. Isto facilitou fazer as compras com rapidez.

Comecei a ficar mais tranquilo com o sobretudo e quase esqueci o revólver por completo. Já nem sentia o peso dele em meu bolso. As pessoas ainda me estranhavam,

mas não ficavam completamente horrorizadas e perplexas como era antes de usar a vestimenta.

A vida própria que acabei criando estava ficando um pouco mais normal e tranquila. Conseguia sair e conviver com a cidade. Tinha arriscado e descobri que podia comer, o que fazia frugalmente, para evitar problemas. Conseguia interagir com um eventual passante, diminuindo meu desesperante voto de silêncio forçado. Não via problema algum em surrupiar uns trocados e nem precisava de muitos. Tampouco tinha problemas com uma coisa que ouvira de alguém e que se chamava consciência pesada. Não faço a menor ideia do que seja. De novo, a inabilidade autoral se faz presente. Que raiva!

Foi então que aconteceu. Estava escondido atrás de uma árvore, pois havia algumas pessoas por perto e, no momento tinha tirado e pendurado o sobretudo em um galho devido ao calor. E de repente... Caiu. Uma coisa nojenta e gosmenta sobre uma parte presente da minha vida própria. Uma lesma asquerosa! Saí gritando e quase me esqueço do sobretudo. Algumas pessoas devem ter achado estranho — apavorante, mesmo — a cena de um semi-alguém correndo com um sobretudo nas mãos.

Depois de me acalmar, passei por alguns estágios: ri a não mais poder. Trágica, mas hilária a minha condição. Depois, fiquei completamente irado com meu autor, nem tanto pelos defeitos que havia colocado em mim, mas pelas partes que não criara.

Sabia que estava na cidade dele. Decidi procurá-lo — deixando minha raiva de lado, por hora — para ver se podia criar todas as minhas partes faltantes, ou pelo menos a maioria... Devo confessar que nem sabia por onde começar, mas com algumas informações conseguidas e com o fato de meu autor ser um pouco famoso — coisa que eu agora achava imerecida e injusta — consegui um endereço. Era um pouco longe de onde estava, considerando o que já conhecia da minha nova cidade.

Confiante, segui para o local para tentar falar com ele. Anda daqui, pega um ônibus dali, e estava chegando. No caminho comecei a refletir e, como não sou muito bom com conflitos fui ficando com certa raiva de Albuquerque Júnior, meu autor, raiva esta que foi aumentando, mesmo com minha tentativa de me acalmar. Quanto mais pensava, mais perdia o controle emocional da situação delicada e injusta em que me achava. Finalmente cheguei ao local. Apertei a campainha da grande casa onde ele morava. Coloquei as mãos nos bolsos nervosamente e aí, achei e me lembrei do revólver. Ouvi o arrastar dos chinelos se encaminhando para a porta; passos de alguém que estava completamente derrotado e, pela janela, pude notar o homem cabisbaixo se aproximando. Isso, ao invés de me aplacar, fez com que sentisse mais raiva ainda desse ser incompetente e da injustiça que me fizera. Eu era a prova — agora viva — deste fato, afinal. Abriu a porta e ficou muito surpreso e confuso ao me ver.

— É você, detetive Almeida? Como pode es-estar aqui? — gaguejou.

— Sim, sou eu, seu filho da puta! Nem pensei: com a mão segurando o revólver no bolso, atirei várias vezes.